

# carne fraca

João Timóteo

**Animação digital:** projecção vídeo 6' loop, HD, cor, 1 canal de som

**Máscara (suspensa):** texto, altifalante e latex

**Máscaras (chão):** latex e tinta acrílica

**Objectos:** argila branca, plasticina e tinta acrílica

**Moedas:** bronze

## “... espírito forte”

Ricardo Escarduça

Incessantemente entretendo o olhar, do golo que outorga o rei da jornada à visita documental ao esqueleto de um protomamífero, do clip lascivo da pop-star à violenta normalização da agressão violenta, da pornografia que é catastrófica à catástrofe que é pornográfica, o errante compulsivo deambula sem rumo pelos paradoxos da simultaneidade.

Tão acompanhado quão solitário, tão disperso quão próximo, tão estranho quão familiar, e, sobretudo, tão dormente quão ofuscado perante a luz feiticeira do ecrã, refastela-se como um bruto nos minutos do ciclo alternado da lua e do sol na viagem incerta, empanturrado e alienado com a abundância babélica da imagem contemporânea que produz uma constelação de novas estrelas virtuais. E, nesta viagem incerta, gestos, hábitos, rituais, relações, valores, ideais – a identidade desviada –, uma máscara aqui, outra ali, esquecidas, e outra que paira. É todas e nenhuma, corpo esvaziado de carne como sombra ou fantasma – o *eidolon*. Os efeitos inumanos da dependência existencial do humano nativo do quotidiano público e privado da cultura digital mediada pelo ecrã omnipresente no fulcro da esfera tecno-digital.

“carne fraca” importa-se com as relações entre sujeito e objecto, mais especificamente aquelas do homem-eu e da imagem. Campo fértil para a criação e reflexão.





Historicamente mediada pela matéria da pintura, escultura, fotografia, vídeo – e outros, tantos –, a imagem é, contudo, inevitavelmente, imaterial e virtual, porque plausivelmente mental. Atributo não da essência do objecto, mas do sujeito – eu, contexto e cognição. Assim, por um lado, utópica, enquanto espaço de representação desprovido de lugar material, mas, porque apenas àqueles media materiais, ou à coisa palpável – tal como o espelho que reflecte a imagem apenas do objecto que se lhe apresenta, diz Foucault – por outro lado, também heterotópica, porque espaço palpável de representação.

Na contemporaneidade da experiência digital da imagem que inspira “carne fraca”, em que o medium abandona a tradição dos espaços palpáveis e torna-se tecno-virtual, é o próprio meio digital que emerge como terceira parte na relação com a imagem, porém agora tão dominante e determinante que transforma culturalmente o homem-eu e modela o nativo da cultura digital da hipersfera.

Esta carne de “carne fraca” não é aquela aposta aos ossos, e coberta por uma pele, mas a vontade. A carne, que é fraca no vício e no hábito, e que esvazia o corpo, é a que, esvaziada de vontade, cede na acção aos desejos e paixões que não são os seus reais, os do homem-eu corporal, mas os do nativo digital que, madrugada fora e conduzido por algo que lhe é exógeno, vagueia na hipersfera.

Imagem virtual ela própria enquanto processo de representação, “carne fraca” formaliza uma reflexão introspectiva sobre a indução e, porventura, a imposição, pelos meios tecnológicos em que se manifesta a cultura visual contemporânea, de uma condição pessoal efêmera – um eu liminar, ou melhor, os «eus» liminares. Máscaras que se põem e tiram. E põem, e tiram, estendendo a mão à próxima máscara. Da proliferação digital massiva da imagem virtual emerge o questionamento das sucessivas



transformações que contagiam o próprio eu real e corporal viciado neste consumo digital incessante. Afinal, a réstia efémera de uma sucessão de máscaras, de peles deixadas por aí.

Mas há salvação, “carne fraca” afirma sofisticadamente codificada, «o espírito está pronto» (Mt 26: 41).

Igualmente inspirada pela história do espaço expositivo enquanto local de culto do sagrado, a partir do qual João Timóteo vai investigativamente buscar referências em outros altares ou ícones, a introspecção em que, vigilante e atento, João Timóteo se questiona é a confissão subtil. Se S. Pedro não se achou digno de uma sentença perpetuada em igualdade com a de Cristo, “carne fraca” exonera-se também, tanto da pretensão de alguma autoridade e da contestação expressa ao nativo digital e à cultura antropológica da hiperesfera. Enquanto confissão pessoal, e não como récita de um fariseu, “carne fraca” é tão somente a metáfora de uma moeda atirada para uma fonte como pagamento de uma promessa cujo desfecho sorrirá ou não. É o íntimo confronto com o olhar sobre si próprio e com a iminente perda de si próprio. É a esperança pela remissão dos pecados digitais.

No percurso de João Timóteo predomina a imagem em movimento híbrida e equidistante entre o teatro e o cinema. A imagem imaterial filmada e mediada pelo vídeo nasce da autoria dramática invocando uma memória implícita algo *Proustiana*, algo como a melancolia de um real perdido e um imaginário pessoal, e da sua posição enquanto *performer*.

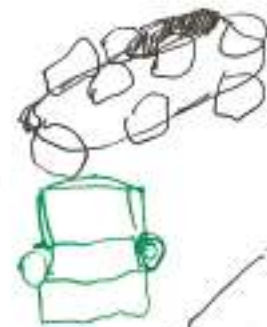
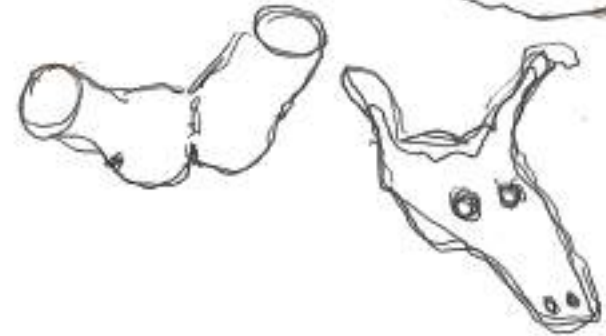
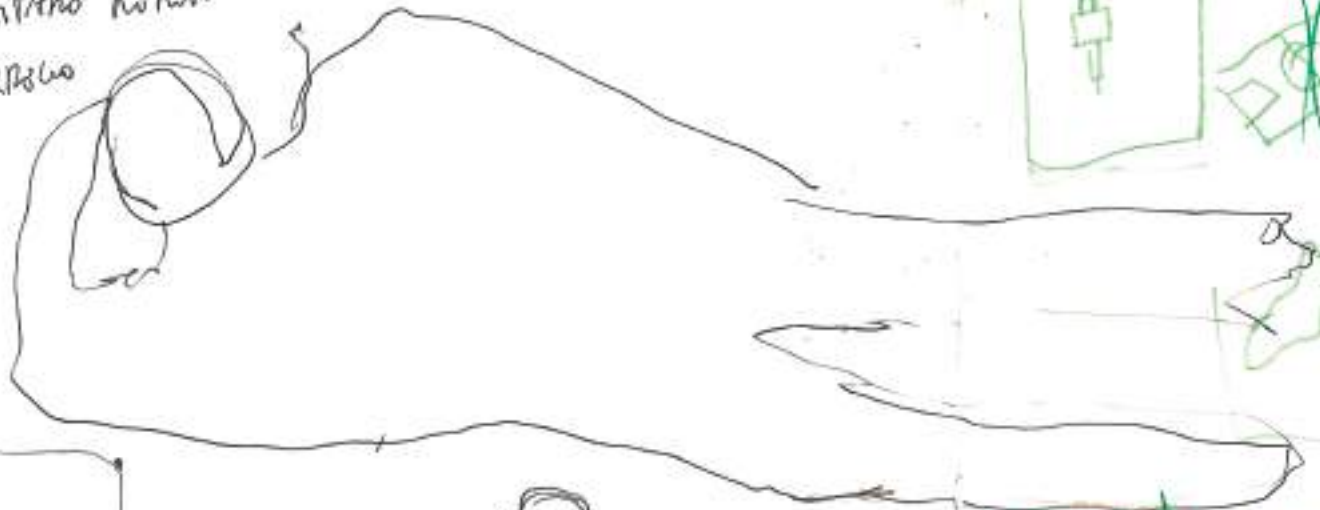
Agora, despe-se. Recorrendo ao mesmo processo de trabalho criativo, enchendo páginas com notas, esboços, colagens, planos, despoja-se de alguns daqueles elementos artísticos tanto quanto acolhe outros não habituais, ou mesmo inéditos. Despudorada perante o imaterial e o efémero enquanto expressão artística adoptada para sublinhar a confissão, “carne fraca” aban-

dona o meio tecnológico da vídeo-instalação dos trabalhos anteriores e, resgatando a matéria como *medium* da imagem mental e virtual, afirma-se enquanto instalação de artes plásticas composta por objectos, animação digital, som e texto, em que cada elemento atinge o seu significado quanto inserido e experimentado na composição total.

Face à autoridade da memória e a um imaginário referente a um passado que validam o símbolo artístico na sugestão da imagem, eis agora, em oposição, a centelha dos pecados digitais do presente a confessar.

Enquanto introdução, na sala de entrada, é apresentada uma colecção de objectos, uma constelação de estrelas materiais do presente fugaz. Uns entretêm, folclóricos, singelos e pueris; outros inquietam, austeros e severos, até mesmo repugnantes e grotescos. Sem palavras, são expressões deícticas das experiências da cultura digital. De argila e plasticina pintados a tinta acrílica, são objectos precários, tais como a efemeridade da experiência digital que referenciam, e sem pedestal, deixando ambíguo o seu estatuto escultórico, não outorgam, portanto, a autoridade de ícone às respectivas imagens mentais. De proporções e formas peculiares viciando e confundindo as relações de escala e os processos de representação, como que hierarquizando o carácter pessoal das experiências digitais, e de cores sombrias e vivas, a estas quase-esculturas figurativas, evocando algo de *naïf*, é apenas intencionalmente concedido o chão, dispostas numa composição em desalinho como acidentes circunstanciais e arbitrários. Será o mapa que traça a experiência sem nexos e rumos, de uma experiência para a outra. Enredando-se e desafiando-se nos percursos públicos possíveis entre cada objecto, insinuam-se ténues relações narratológicas dos percursos da experiência no espaço privado.

# 2015 noitano noitans  
no BORRUCHO



OSOSS  
AUTO VARRAO  
FAMILIA  
MAIS BALAS



2015 RELIX = 2.11.15  
PORNOS  
SOFA



BORRUCHO  
OSOSS  
CASA

FUGIMENTO  
MAIS BALAS  
CASA

MOINHOS DE VENTO

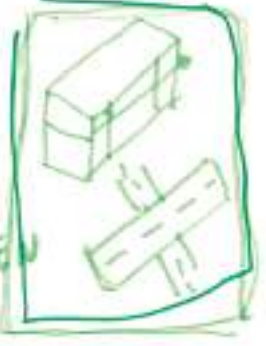
HALLOWEEN  
AUTO VARRAO  
AUTO ESTORRADO

SMARTPHONE  
FALIA  
ANIMAO  
DO NATAL

MASCARA



ANAS?



AUTO VARRAO  
AUTO ESTORRADO



Ao mesmo tempo, sublinham a espacialidade horizontal onde a matéria do objecto naturalmente encontra a matéria do sujeito que o experimenta. Notoriamente moldados pela mão do autor porém aparentemente inacabados, parecem toscos, ironicamente condenados à antecipada imposição técnica da scannerização tridimensional necessária para encontrarem o seu destino intencionalmente digital.

Contrastando a horizontalidade onde existem os objectos precários, e abrindo a verticalidade da dimensão virtual a que está imposta, a imagem em movimento surge no âmago da instalação como um dos seus principais elementos, porém também ambígua e irónica na sua condição. Se as experiências no mundo digital que originam os objectos físicos que traçam a experiência corpórea da exposição começam por constituir-se uma pista no espaço desse tempo, são a expressão de uma memória de uma madrugada, estas são devolvidas ao domínio digital na projecção videográfica que se lhes sucede adiante enquanto seu fim artístico, o elo entre a memória e o fim. Apuradas na plasticidade e animadas na estatuidade, estas quase-esculturas não replicam os seus originais, mas simulam-nos, isoladas e destacadas sobre o fundo negro com uma vida própria, são um e mais um mero objecto que desfila para o deleite inconsequente.

Por outro lado, porque suspensa no espaço quando projectada sobre um suporte nele introduzido, esta imagem aspira à materialidade, ainda que essencialmente inatingível e inevitavelmente frustrada, porque sempre virtual. É a própria imagem que parece ambicionar o perdão da sua condição imaterial.

Não mais captada pela câmara diante da qual também se ausenta o *performer*, portanto distanciando-se do trabalho anterior de João Timóteo e aproximando-se da experiência inicial que espoleta “carne fraca”, a imagem em movimento surge composta por vídeos gerados digitalmente e sons ambientes. Apresentada aleatoriamente ao espectador que os consome, esta colecção de

vídeos conduz e submete a essa indeterminação, não fosse, afinal, perante um ecrã que se está.

Nesta reflexão circula a referência a pele, não como fronteira permeável entre o domínio do imaterial quando oposto ao palpável mas enquanto invólucro e contentor – uma máscara, um conjunto de máscaras – de um mutante desfigurado pela cultura digital, de quem não restam mais que as peles esvaziadas de carne. Perante o pecado do vídeo, uma pele, ainda distantemente humana na cor e na textura que, mesmo esvaziada, tenta ainda salvar a réstia de materialidade que a sombra, o fantasma, projectada no chão, possa ainda conceder. É esta efigie, quase humana mas sem carne, que deixa o seu destino à mercê de uma moeda atirada à fonte e, confessando-se, promete. “carne fraca” é a frágil humanidade do nativo digital que, vigilante perante o vício da carne perdida e, afinal, de espírito forte, em surdina, confessa: “Perdoa-me por tudo o que eu vi.”.

Dobrando-se sobre si própria, “carne fraca” organiza vários estratos da sua própria experiência. Na sua obra visual e os seus processos de representação, cria e contém uma história. A instalação convoca o observador não para as suas relações intrínsecas, mas sobre este mesmo e as relações de este com aquela. Nesta introspecção, transforma-se em ocorrência teatral, um palco onde o actor e o espectador, um mesmo como personagens, encontram-se através da narrativa e, apelando à catarse da poética Aristotélica na busca por apaziguamento, finalmente revela o discurso verdadeiramente intencional do autor. A confissão de João Timóteo não persegue a via religiosa da resignação inspirada pela história do espaço, antes o apelo melancólico mas não nostálgico dos paradoxos da arte, algo do drama da tragédia e da comédia, cujos incidentes narratológicos despertam e libertam as emoções do júbilo, da volúpia, da distração, e também as da angústia, do fastio, do vazio, e que, todas estas clarificadas da insaciabilidade à luz da experiência do real, tal como a *catharsis*, aspira resgate e redenção.





Porém, desfazendo a dualidade, nesta ocorrência teatral reflexiva e introspectiva em que um mesmo é actor e espectador movendo-se num cenário e por entre adereços segundo um guião trágico-cómico, são os fenómenos da simultaneidade que sobressaem, como não poderia deixar de ser.

O artista é o sujeito de fraca carne que vê e cria o objecto artístico. Mas, na intenção da confissão própria, o artista é o objecto de forte espírito que se observa. A intenção do título da exposição, na sua incompletitude, também provocador: um só em simultâneo, primeiro como objecto, depois dobrado sobre si mesmo, confessando-se, é sujeito. Quando a simultaneidade anula o olhar e o ver, "carne fraca" requer os dois, somente para que, sem a avidez e abundância, sejam pacientemente e resilientemente depurados um do outro.



## “carne fraca...”

João Timóteo

- Hey!... andamos desencontrados.
- Tenho saudades do teu sistema auricular.
- Já passou um tempo desde a minha última confissão; desleixei-me...
- Contas feitas, já sou uma criança evoluída.
- Tento seguir os teus conselhos à risca, mas as tuas rezas parecem ao mesmo tempo obscenas.
- Sou tão confuso!
- Nada é palpável mas tudo é violento; tipo half-life.
- Ontem à noite deitei-me ao lado da linguagem; palavras a camaleão - pecados luminosos.
- Para que serve um guião se não há palavras que nos guiam.
- Se estavas à minha espera, sinto muito, e sinto até algum gozo em vacilar.
- Podes ficar com os louros só para ti, na tua cloud.
- Não me julgues se nunca instalaste o software dos lugares comuns.
- A minha boca saciada, os teus olhos saciados, eternamente, por eventos instantâneos.
- Não me julgues se não queres ser julgado, e nem te atrevas a interromper-me com aforismos de S.Mateus.
- Já me extraviei o suficiente por ouro, por prata... por pirataria; mas um dia dar-me-ei ao luxo de acreditar em sinais divinos.
- Eu juro pelo que habita neste templo que estou a fazer um esforço para ser breve. Espero a tua compreensão, pois quando transmito coisas, ora no texto, ora no subtexto, apresento-me

- sempre mais eloquente do que aquilo que sou na realidade.
- Fui enfeitado à nascença; para os enfeitados a vida é fodida, a vida é bela demais.
- Há sempre uma mulher lá ao fundo que te chama, e a chama dissipa-se por aí fora entre coordenadas de x, y e z...
- Bate forte.
- Aguenta-te à bronca e à pornografia.
- Fuck!
- Consegues explicar ao mundo o factor anímico dos corpos?
- Esquece.
- Não há tempo para limpar as armas.
- O tiro é seco.
- Há que celebrar o nascimento, mas o menino mal nasceu e começaram logo a fazer-lhe psicanálise.
- Jesus loves me!
- Mais um conto natalício: o puto André aprendeu a escrever e enviou uma carta ao pai natal... ahahah... há pouco tempo cheguei à conclusão que o natal é o ritual da repetição; as crianças evoluídas ensinam as crianças a esbanjar repetição.
- O desconforto contemporâneo na casa do senhor!
- O senhor comeu bem e foi dormir; carne fraca, fibra desfiada, mioleira guisada.
- Não sei onde mora o Sol; dia sim dia não, é demasiado pontual.
- O techno ainda agora começou, o tráfico humano está fluido no mercado de transferências.
- Ouve-se a bruxa cantando ao amanhecer enquanto a lucidez arde no cinzeiro.
- Está na hora! Já cometi todos os pecados da lista de preferências.
- Nunca é tarde para sair do purgatório, já do carnaval não diria o mesmo.
- Perdoa-me por tudo o que eu vi.

Este livro foi publicado por ocasião da exposição "carne fraca" de João Timóteo no Projecto Travessa da Ermida, patente de 19 de Maio a 6 de Junho de 2020

**Texto**

Ricardo Escarduça  
João Timóteo

**Fotografia**

Bruno Lopes

**Imagens**

João Timóteo

**Design gráfico**

Paolo Martini

**Produção gráfica**

Lorem Ipsum

**Tiragem**

200 exemplares

**Depósito legal**

Lorem Ipsum

**ISBN**

978-989-33-0562-1



